

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

*A Crítica*

Class.:

Data:

*27.08.87*

Pg.:

**Novas mortes ocorrem  
entre os Yanomami**

BRASÍLIA — A portaria que demarca 19 áreas Yanomami, ao leste de Roraima e norte do Amazonas — num total de 2 milhões 435 mil 215 hectares, e não 8 milhões, como a Funai divulgou —, contraria determinação da própria fundação, que reconheceu sua extensão em 9 milhões de hectares contínuos, definidos pela Portaria 1817/E, em 1985. As áreas demarcadas como indígenas representam apenas 30% da área ocupada pelos Yanomami na Amazônia brasileira. Os outros 70% estão reservados para o parque nacional do Pico da Neblina, 1 milhão 872 mil hectares, para as florestas nacionais, que somam 3 milhões 909 mil 710 hectares, e 800 mil hectares foram subtraídos do território Yanomami e destinados aos 20 mil garimpeiros que invadem a área. Isto significa a institucionalização da exploração dos recursos naturais das terras indígenas. A informação é do Conselho Indigenista Missionário — Cimi. Uma das fundadoras da comissão pela criação do Parque Yanomami, Cláudia Andujar, denunciou novas mortes entre os índios e a transferência forçada de funcionários

da Funai que atuavam na área indígena. Ela revelou que nove índios morreram de gripe, malária e disenteria, nos últimos dois meses, na região do rio Mucajaí, uma das entradas dos garimpos, onde está ocorrendo mortandade de peixes provocada pela poluição decorrente de resíduos da exploração mineral. Cláudia Andujar obteve tais informações junto aos próprios Yanomami, que lhe revelaram outras mortes na área do rio Buduu, na Serra Parima, no começo deste ano, também devido a surtos de gripe e malária. “Eles encontraram uma aldeia com metade da população dizimada, talvez mais de 20 pessoas”, calculou. Outros morreram na maloca Uatau, perto do rio Couto de Magalhães. Segundo Cláudia Andujar, esta semana a Funai transferiu dois funcionários da área, pois estariam fornecendo informações para indigenistas proibidos pelo órgão de entrar no território indígena: o Yanomami Ivanildo Uauanaweitheri, chefe do posto Flechau, no rio Mucajaí, e Francisco Bezerra, chefe do posto de Surucucus, coração do Território, que trabalha há mais de 20 anos com esses índios.